

arquitectura

ARQUITECTURA. PLANEAMENTO. DESIGN. CONSTRUÇÃO. EQUIPAMENTO



40 ANOS DA MORTE DE DUARTE PACHECO • JIECH J. I. DA CIDADE HISTÓRICA
CONCURSO PARA ESTUDO PRÉVIO DE UMA ZONA PORTUÁRIA DE V. DO CASTELO
TRANSFORMAÇÕES DE UMA ARQUITECTURA RACIONALISTA • RAUL C. RAMALHO
XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE, CIÊNCIA E CULTURA

MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

TEXTO DOS AUTORES

PROGRAMA PRELIMINAR

O Programa Preliminar parte de duas considerações fundamentais, que convergem depois na proposição de recomendações ou linhas de desenvolvimento da solução.

A primeira consideração refere-se ao enquadramento dado (Mosteiro dos Jerónimos), suas possibilidades e limitações.

A segunda consideração refere-se ao conteúdo e intenção da própria Exposição, e às pistas que as suas leituras possíveis sugerem.

Características e condicionantes do espaço e do edifício

A arquitectura de todo o conjunto dos Jerónimos tem que ser tomada em consideração com o maior cuidado, exactamente porque a sua exuberância, presença e vigor expressivo não se comportam como um fundo «neutro» ao que lá se pretende expor.

O edifício deve tornar-se assim, ele mesmo, um *objecto* da exposição, e condicionará até certo tom vigoroso, alegre e eventualmente algo ousado da Exposição — sem o que esta será «abafada» pela riqueza do enquadramento manuelino.

Pretende-se pois explorar uma forma de pôr a Exposição que *esteja de acordo com o próprio carácter do mosteiro* e o *amplie* ou *repercuta* em formas e materiais de hoje.

Pretende-se retomar a agitação das formas e do claro-escuro do edifício, e injectar nela uma agitação suplementar, fraccionando o espaço e criando reflexos e cores que explorem:

- o carácter cenográfico próprio da arquitectura manuelina
- a possibilidade de pôr em evidência *troços* da arquitectura, fazendo-a aparecer como *objecto* da Exposição.

Examinando o espaço disponível, verificou-se que ele tem determinadas limitações propriamente físicas que exigirão uma intervenção no sentido de alterar o espaço utilizável e a leitura visual da arquitectura, sem alterar ou ferir de qualquer modo a integridade do monumento.

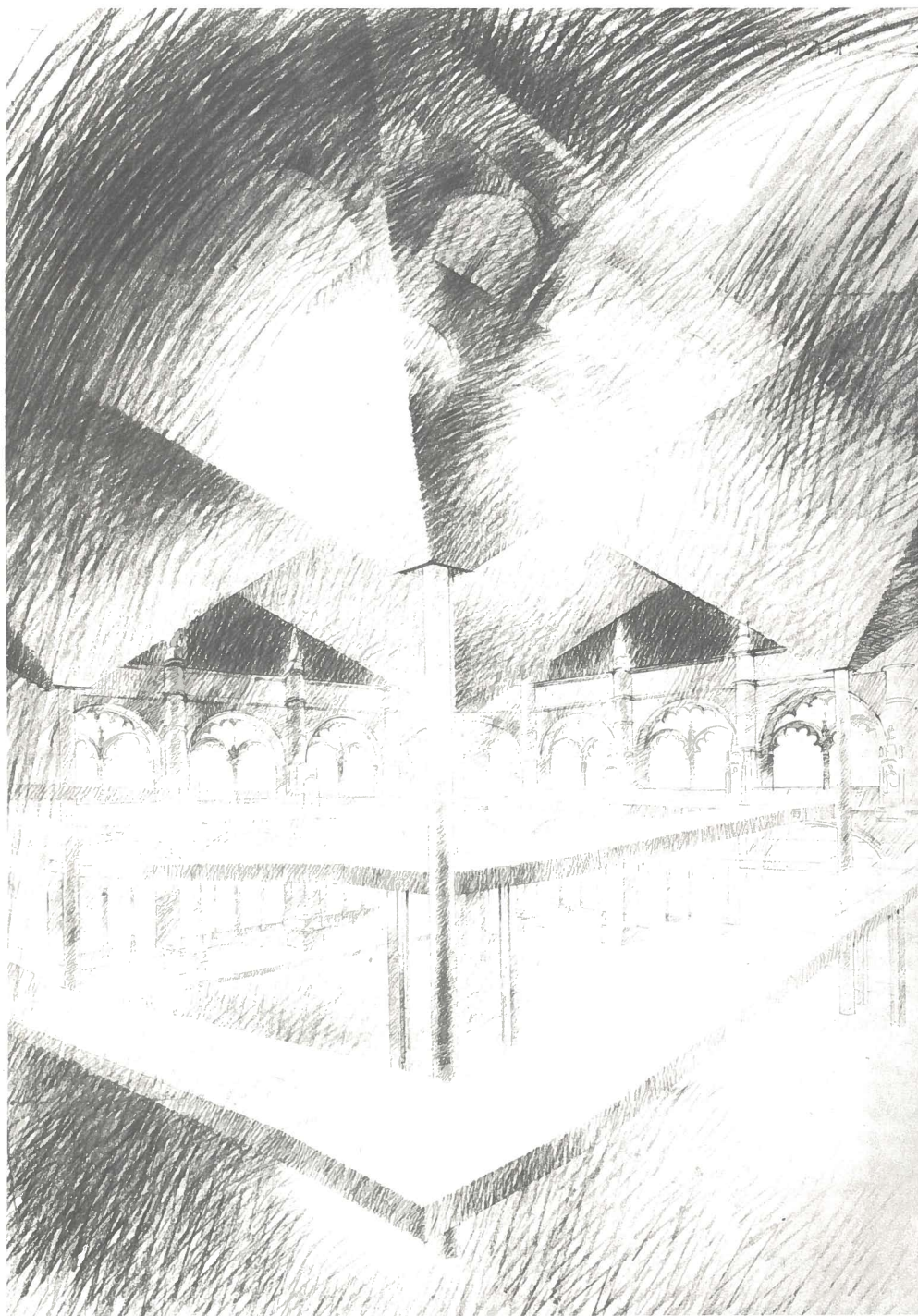
Observa-se que o espaço em questão tem:

- galerias difíceis de fechar
- poucas salas, e afastadas umas das outras
- entrada no conjunto apertada e única
- espaço do jardim descoberto mas recuperável
- impossibilidade de alterar a geometria do edifício, abrir portas, etc.

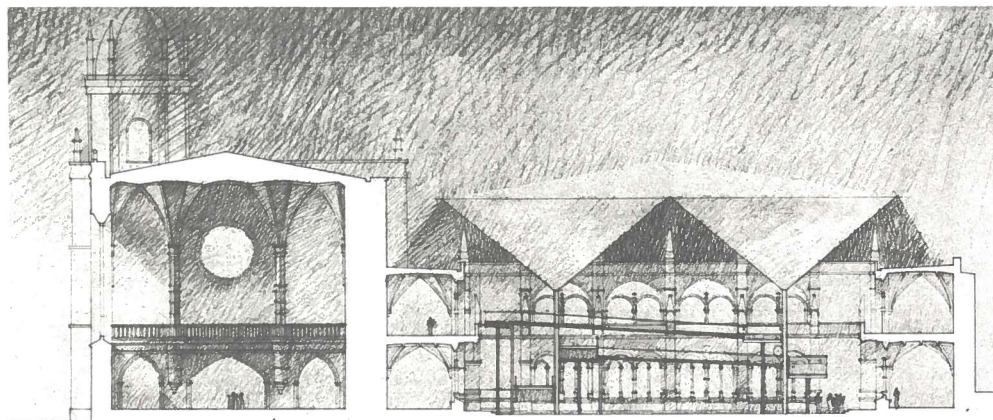
Conteúdo e intenções da Exposição

Procurando interpretar correctamente a intenção geral da Exposição, e o carácter especial do seu segmento dos Jerónimos que é objecto deste programa, entende-se que:

- Não se trata apenas de *mostrar* determinado conjunto de peças de valor, e permitir ou deixar que os visitantes tirem as suas conclusões, ou se fiquem pela simples fruição do que lhes é apresentado, em temos de erudição ou gosto por antiguidades.
- Trata-se de *conduzir* a determinada leitura, de modo a que ao visitante sobre depois espaço para conclusões próprias; mas essa leitura deverá permitir dois níveis:
 - um nível científico, documental, em que a exposição tem um carácter *passivo*, permitindo a eruditos ou especialistas observar o acervo de peças excepcionalmente reunidas
 - um nível *pedagógico, demonstrativo*, em que a exposição tem um carácter *activo*, tornando fácil às pessoas extrair do acervo documental e dos artificios adequados da Exposição os conhecimentos ou ideias com que se deseja que fiquem.



PERSPECTIVA DO ARRANJO DO CLÁUSTRO



CORTE LONGITUDINAL DO CONJUNTO

O carácter da Exposição deverá assim ser contido entre os limites do modo *estritamente museográfico*, mas recolhendo os mais úteis aspectos destes modos.

RECOMENDAÇÕES E PRINCÍPIOS DA SOLUÇÃO PROPOSTA

Feitas as duas ordens de considerações indicadas, quanto às condições espaciais dadas à partida, e quanto ao modo de introduzir o tema da Exposição, podem propor-se as linhas gerais da solução:

- Um primeiro partido geral nasce da consideração das limitações impostas pela natureza do espaço claustral, desabrigado e aberto, onde é preciso dispor colecções de objectos frágeis e preciosos: a solução que se impõe é a da cobertura total do claustro, com exclusão total da luz do dia. Obter-se-á assim uma homogeneidade das condições da exposição independente das horas do dia e das variações das estações. Ao mesmo tempo, recupera-se o espaço do jardim para utilização, praticável, pelo percurso da Exposição, e torna-se a própria arquitectura do claustro uma peça a existir sob condições invulgares a explorar. Os serviços de apoio à Exposição serão remetidos para anexos a edificar temporariamente nos escassos logradouros existentes, assegurando-se porém uma zona de paragem e repouso num ponto favorável do percurso estudado, proporcionado pela utilização de uma sala do 1º andar.

Esta intenção geral corresponde não só a uma resposta às condições objectivas da Exposição, mas também à deliberada «transfiguração» temporária do monumento, de modo a que (com total respeito pela integridade física e dignidade daquela peça única!) se replique, com materiais e técnicas contemporâneas, o espírito ousado e opulento do período manuelino. A alusão cultural latente nesta atitude deve ficar apenas implícita, servindo sobretudo para criar o estado de espírito ou ambiente adequado ao desenrolar da sequência expositiva.

A própria sequência proposta para a Exposição nasce da consideração do guião inicial proposto, da natureza dos objectos a expor (tanto quanto nesta fase se conhece delas) e dos inevitáveis ajustamentos pontuais ao guião impostos pelo espaço dado.

Circulação

Escada existente de acesso ao 1º andar do claustro.

Rampa (só descendente) do 1º andar para o r/c.

Elevador para deficientes entre o r/c e o 1º andar.

O percurso geral da Exposição será feito em pavimentos sem degraus, iniciando-se a visita pelo andar superior.

ESTRUTURAS PROVISÓRIAS

Peças estruturais a construir

A canópia constituindo a cobertura da entrada.

Um edifício anexo destinado aos serviços de apoio.

Um conjunto concebido para sustentar o desenvolvimento da passarela exposicional e constituir a cobertura do claustro.

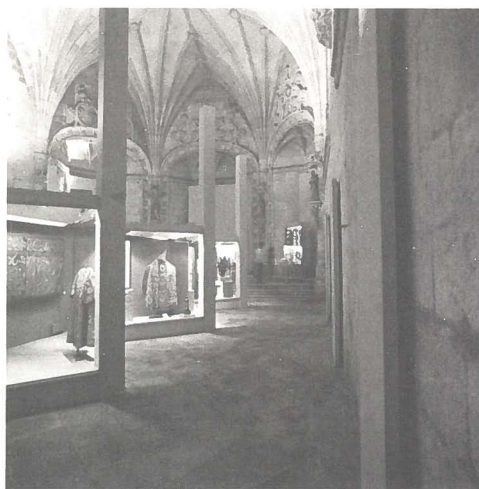
Canópia

A sua concepção estrutural prevê a existência de prumos metálicos devidamente distanciados, apoiados no pavimento de pedra, sem a ferir, os quais serão ligados superiormente por elementos também metálicos, que constituirão o suporte do material de cobertura.

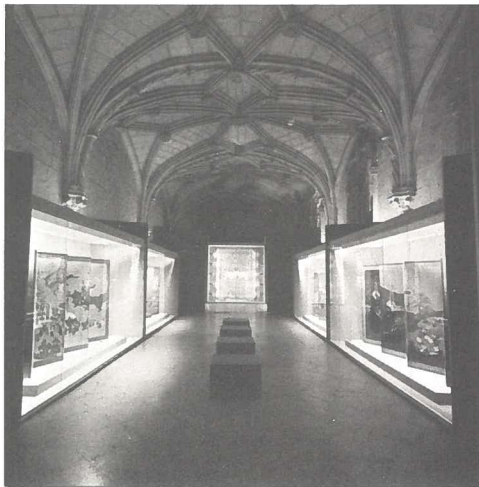
A estrutura é auto-sustentada, não necessitando de quaisquer amarrações ou ligações ao edifício existente.

Conjunto de passarela e cobertura do claustro

Este conjunto destina-se a permitir o desenvolvimento de uma passarela exposicional que faz a ligação sobre o jardim dos claustros, entre o 1º e 2º piso, e ao mesmo tempo permitir a cobertura do mesmo jardimeto acima do terraço superior.



EXPOSIÇÃO — SALA DO CAPÍTULO



EXPOSIÇÃO



VISTA DO PRIMEIRO PISO DA CANÓPIA



ASPECTO DO CONJUNTO DOS PISOS

A estrutura apoia-se apenas no solo natural, em sapatas devidamente dimensionadas, e desenvolve-se de forma a não transmitir quaisquer cargas às construções existentes.

A ossatura será também totalmente metálica e a sua concepção permite dar não só satisfação às exigências arquitectónicas e funcionais como terá particularmente em conta, no que respeita à dimensão dos seus elementos e as condições especialíssimas em que haverá que realizar a montagem, o transporte e a movimentação dos materiais, devido às características do espaço em que será construída esta estrutura.

A cobertura será opaca e haverá um fechamento lateral ao redor do terraço do piso superior. O material deverá ser insonoro face aos efeitos da chuva.

No Global das três estruturas e no que respeita aos elementos metálicos, prevê-se um aproveitamento após desmontagem de cerca de 80% a 90%.

LINHAS GERAIS DA SOLUÇÃO

Concepção Geral da Exposição

Ao contrário da concepção anterior, na qual o espaço claustral e a sua peculiar arquitectura era *integrado como actor e agente expressivo*, na presente proposta ele é conservado na sua condição monumental, reduzindo-se a uma ilustração prestigiosa e a um espaço de acolhimento do percurso da exposição, mas *passivo*.

Aproveitam-se as suas salas periféricas para exposição de um certo número de *peças museológicas* em condições óptimas, mas o percurso mais especialmente *didáctico* é remetido para um corpo anexo ao monumento e a ele adossado.

A leitura geral da Exposição terá assim três tempos bem marcados:

- Entrar no monumento e receber a influência condicionadora da sua expressão arquitectónica.
- Entrar um novo espaço (como uma emanção do monumento noutra dimensão temporal!), carregado de informação explícita.
- Regressar ao monumento, recolocando toda a carga de informação recebida no ambiente emocional e arquitectónico do claustro.

Estes três tempos ou modos expressivos do percurso têm a sua transcrição arquitectónica, que se expõe adiante.

SOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA

O pavilhão adossado

Utilizando o logradouro facultado pela Casa Pia de Lisboa, para o qual dão uma janela e uma porta do claustro, estabeleceu-se nesta um pavilhão de construção ligeira mas adequadamente segura, que permite o ingresso e o regresso à galeria inferior, de onde se efectua a saída para o exterior.

As cotas permitem estabelecer três níveis de pavimento neste pavilhão; estes pavimentos dispõem-se em retrocesso, abrigados sob um único vão e ligados fisicamente por uma escaleira que, a eixo, desce de um para outro, até ao piso térreo, do qual se faz o regresso ao claustro.

As salas do claustro

Transformar as salas que ladeiam o claustro em espaços utilizáveis para a exposição adequada de objectos museológicos exige uma transformação que, cortando a sua nudez mas não perturbando a leitura da sua arquitectura, permita responder às condições muito estritas exigidas pela conservação das peças expostas.

Criam-se, assim, galerias de vitrinas com formas tais que, elas mesmas, delimitam espaços e provocam movimentos de acordo com as exigências do percurso, mas mantêm-se claramente *apostas*, pela sua ligeireza, à pesada presença da silharia dos muros das salas.

Em termos práticos e de segurança, estas vitrinas comportam elas mesmas a sua galeria interna de acesso e de serviços.

Nota-se que, em termos de técnica e acessibilidade, as vitrinas do pavilhão adossado são equivalentes.

FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO

PROJECTO GERAL DE COORDENAÇÃO

Daciano Monteiro da Costa — Pintor
Manuel Macara — Eng.º Civil

CONSULTORES

Frederico George — Arquitecto
Le Mattre de Carvalho — Pintor
José Pedro Martins Barata — Arquitecto

COLABORADORES

Edgar Mota
Carlos Costa
José Manuel Braga

ARRANJOS EXPOSICIONAIS E MONTAGEM

José Maria Cruz de Carvalho — Pintor
Cristóvão Macara — Eng.º Técnico
Manuel Pina — Projectista

COLABORADORES

Assunção Cordovil
Maria José Campos
Celso Rodrigues
José Gomes
José Tomaz
Vasco Lapa
Mercedes Carrolo

ESCULTURA

Fernando Conduto

INSTALAÇÕES TÉCNICAS

Luz e Som — António Silva Macedo — Eng.º Técnico

Ventilação e A. C. — Fonseca e Seabra
Segurança — S. P. S. — Sistemas de Protecção e Segurança, Lda.

Construção — Construções António Martins Sampaio, Lda.
Mundus Portuguesa — Estruturas Metálicas, Lda.

CIÊNCIA

Coordenador

Prof. Luís Albuquerque

Coordenadores Sector

Dr. Inácio Guerreiro
Dr. Pimentel Barata
Eng.º António Miguel Trigueiros
Eng.º Cláudio Bugalho Semedo

ARTE

Coordenador

Dr.ª Maria Helena Mendes Pinto

Coordenadores Sector

Dr.ª Maria Manuela Marques Mota
Dr.ª Maria Fernanda Passos Leite
Dr. Eduardo Santos

Museólogos

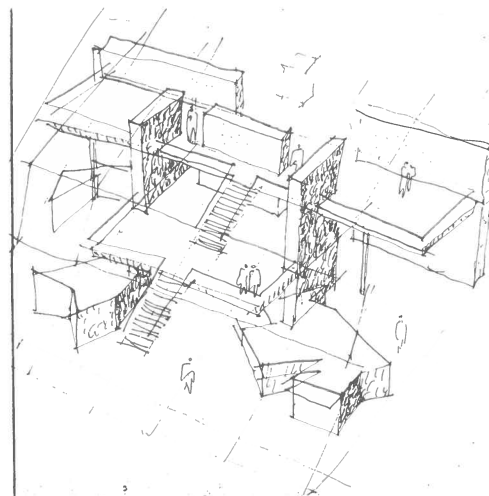
Dr.ª Ana Maria Brandão
Dr.ª Madalena Ataíde Garcia

Fotografias

Vítor Rosado



ESCALADA DE ACESSO DO 1º PISO DA CANÓPIA



ESQUIÇO DA PROPOSTA



EXPOSIÇÃO/SACRISTIA

TEXTO CRÍTICO

Por João Vasconcelos

Os arquitectos, e não só, acreditam na capacidade de o espaço (de exibição do museu) gerar novas relações e uma poética suplementar nas peças a expor, quer destas entre si quer no diálogo recíproco que as mesmas possam estabelecer com o ambiente criado e a criar. Por vezes encaram ainda a possibilidade de a estrutura do espaço e a sua arquitectura serem elas próprias objecto de exposição, suporte e suportadas pelas peças a expor. Pode finalmente entender-se a arquitectura, ou a «promenade architectural»⁽¹⁾, como um fim em si mesma, sendo as peças a expor secundárias e complementares do objecto principal. Dos diversos equilíbrios conseguidos se poderá ajuizar da rectidão das diferentes propostas ou princípios estabelecidos. No Mosteiro dos Jerónimos verifica-se uma rotação de 180º desde o primeiro projecto até à solução final, não de modo a acertos sucessivos mas a uma

mudança radical das premissas de intervenção. Da relevância da teoria subjacente à solução inicial deixamos aqui testemunho.

Depois da ascensão ao piso superior, e saindo da galeria, far-se-ia a entrada no «vazio» dos claustros, começando o movimento descendente até ao piso térreo pela espiral «cónica» (de base quadrangular), montada no seu interior, e ao longo da qual se desenrolaria o percurso expositivo.

Este sistema expositivo tem, entre os seus antecedentes, as investigações de Le Corbusier para o Mondaneum de Geneve, em 1928, e o Museu Solomon Guggenheim em N.Y., de Frank Lloyd Wright, em 1956. Este último pretendeu ainda com a sua proposta neutralizar, através de uma rampa espiral descendente de betão, a dominância da arquitectura de ângulo recto sobre a superfície dos quadros expostos ao longo da mesma.

No Mosteiro as intenções eram diversas: expor o primeiro edifício como objecto da época a representar, criar circulações envolventes como na fabricação de um casulo, atravessar o espaço com circulações aéreas (?), motivar novas confrontações, e criar novas relações espaciais num esforço preexistente (e por demais conhecido dos portugueses!). Seria como que uma viagem de helicóptero em redor (dentro) do edifício (claustros), como no filme *One From the Heart (Do Fundo do Coração)*, a visão circular em redor dos neons de Las Vegas. As pirâmides invertidas da cobertura, tal pilar fugiforme, ou capitel-cobertura, reflectiriam as fachadas dos claustros.

Este projecto fez-nos lembrar ainda o Johnson Wax Building (S.C. Johnson and Son Administration Building — 1936, de F.L.W.), edifício autocontido, sem janelas, cujos delgados pilares fungiformes cobrem um espaço de duplo pé-direito, de cobertura acima das paredes laterais.

Transfiguração temporária do monumento, e materialmente recuperada, ousada mas demasiadamente dispendiosa, houve que abandonar esta solução e a experiência que ela poderia ter representado, quer no diálogo das arquitecturas em presença quer na criação de novas tipologias dos espaços expositivos.

A solução final assenta também na permissão de a intervenção ser um objecto autónomo, cortando a nudez mas não perturbando a leitura da arquitectura existente.

Embora não tão dialogante como na proposta inicial, esta relação é especialmente visível na Sala do Refeitório, valorizando o espaço global e as peças em si, acompanhando as vitrinas o balanço dos biombo e as suas diagonais.

A entrada da Sala do Capítulo é outro exemplo deste diálogo. No interior desta sala, a exposição, centrada, vem substituir o monumento funerário, jogando com elementos verticais, que acompanham as linhas de força da arquitectura existente, e introduzindo uma predominância horizontal ao nível do visitante. De qualquer modo afirmando a independência da intervenção, o objecto dentro do objecto.

O pavilhão anexo, adossado à parede dos claustros, é um derivado da ideia inicial. Demonstrando um sentido de economia implícito na sua forma, corresponderá, preferencialmente e à primeira vista, à ideia do buraco negro onde se colocam e iluminam as peças a expor, a antiarquitectura, ou a arquitectura o mais neutra possível como modo de exaltar e sobressair os objectos.

A entrada no anexo, assimétrica em relação ao traçado compositivo, permite uma descoberta imprevisível do espaço escalonado por três pisos, onde focos de luz têm a capacidade de delimitar outros espaços.

A escada descendente, sendo um elemento importante, mas não estruturante, acentua, ao contrário do usual, uma perspectiva em contra-plongée sobre os padrões dos descobrimentos expostos no piso térreo, que servem de ponto de fuga visual, mantendo, contudo, o percurso de aproximação dos mesmos.

Faz-nos lembrar que as escadas são feitas não só para subir mas também para descer.

A vitrina do piso inferior surge como um dragão rastejante (dança chinesa do dragão, ainda praticada em Macau), irracional e agressivo, insinuando-se contra a simetria e a vontade de ordenamento do espaço, batendo-se pela sua liberdade e contendo no seu interior um corredor que garante o acesso e a segurança das peças expostas.